

**PULSÃO DE VIDA E PULSÃO DE MORTE: FUSÃO E DESFUSÃO NA
COMPULSÃO À REPETIÇÃO**

Caroline Polizeli, Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Agência de fomento CAPES, Linha de pesquisa 2: Subjetividade e Práticas Sociais na Contemporaneidade, Maringá – PR, Brasil. Hélio Honda, Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Linha de pesquisa 2: Subjetividade e Práticas Sociais na Contemporaneidade, Maringá – PR, Brasil.

contato: carolpolizelipsico@gmail.com

RESUMO

A repetição na obra de Freud parece deslocar-se da fixação ao prazer para a busca incessante pelo sofrimento, principalmente quando relacionada à segunda tópica e a descoberta da pulsão de morte. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo pensar sobre os mecanismos de fusão e desfusão pulsionais propostos por Freud em *O Ego e o Id* (1923) para conjecturar sobre os enigmas que envolvem o estatuto da compulsão à repetição na obra em sua relação com a pulsão e a possível potencialidade contida nesse encontro. Para tanto trabalharemos com a compulsão à repetição traumática sua íntima relação com a pulsão de morte, assim como as relações que as pulsões de vida e morte estabelecem entre si no mecanismo de fusão e desfusão. Buscaremos a potencialidade que se inscreve no encontro da pulsão de morte com a pulsão de vida e a aparente relação desse mecanismo com compulsão à repetição. Para tanto utilizaremos o referencial de pesquisa bibliográfica e as obras de Freud em ordem cronológica de publicação.

PALAVRAS-CHAVE: Repetição. Desfusão. Fusão.

INTRODUÇÃO

A repetição na obra de Freud aparece desde os seus primórdios, sendo um conceito fundamental e estruturante do psiquismo. No entanto, ao longo do construto de Freud, balizado pela prática, observamos que a mesma segue um trajeto que perpassa a fixação no prazer e segue até um deslocamento para uma busca incessante do

sofrimento. A reviravolta de 1920, quando Freud propõe a hipótese da pulsão de morte e lança a segunda topologia do aparelho psíquico, tem sérias implicações para o conceito de repetição que ganha caráter demoníaco advindo de uma tendência pulsional do organismo a fazer retornar ao inanimado, à morte. Ao mesmo tempo em que a repetição parece fazer surgir essa tendência, ela se mostra como um resultado da mesma e os sintomas clínicos nos fazem reiterar a hipótese de um mais além que foge à satisfação e inscreve o sujeito em uma repetição dramática da qual não se vislumbra, a priori, possibilidade de simbolização.

O presente trabalho versa sobre um estudo metapsicológico acerca da compulsão à repetição e a sua íntima relação com a pulsão de morte descrita por Freud a partir de 1920. Essa relação coloca-se desde o início como bastante controversa já que o autor parte de especulações para formula-la e a faz tentando entender o que leva os sujeitos à se colocarem em situações desprazerosas compulsivamente. Esse trabalho se dá através de um estudo de metodologia bibliográfica. Trabalhamos com as obras de Freud em ordem cronológica de publicação. Segundo Manzoni (1989) tal estudo é necessário já que ao longo de suas obras, Freud retifica e retoma sua teoria, o que nos faz possível entendê-la como uma teia complexa, que integra e retifica.

A questão da pulsão sofre ao longo dos estudos de Freud alguns rearranjos que serão abordados para maior esclarecimento. A pulsão de morte, por sua vez, não ganha fácil aceitabilidade na Psicanálise, muitos autores ainda criticam ou vão contra tal explicação alegando ser um grave erro na obra de Freud, nessa trilha inscrevem-se autores como Winnicott, Bion. No entanto, autores como Melanie Klein desenvolvem e aprofundam tal estudo, mostrando denotar credibilidade à temática.

Nosso trabalho parte das premissas de relação entre as pulsões e a repetição no

sentindo de entende-las e buscar potencialidades, assim avança para escritos posteriores à 1920, onde Freud desenvolve melhor seu pensamento. Dessa forma, teceremos algumas conjecturas sobre a destrutividade inerente à pulsão de morte descrita por pelo autor quando atuando solitariamente e a possibilidade que o mecanismo de fusão oferece, isso é, quando enlaçada à pulsão de vida, neutralizada, parece haver uma saída possível para a busca incessante de sofrimento do sujeito. A pulsão de morte, segundo Freud (1920), age sem fazer alardes, passando tantas vezes como despercebida, ou estranha. Nessa trilha tentaremos abordar o tema da Compulsão à repetição repensando suas implicações e conjecturando sobre novas possibilidades. Nessa trilha encontramos percebemos que a vida traz alardes, e faz barulho, enquanto a morte age em silêncio, mas quando se manifesta em uma compulsão à repetição urge por ser escutada, vista e, quem sabe, significada.

AS PULSÕES NA PSICANÁLISE

Freud, já em seus trabalhos pré-psicanalíticos lança os germes da sua ideia de pulsão. No texto do *Projeto de uma Psicologia Científica (1989)* afirma que somos habitados por estímulos endógenos que se produzem dentro do organismo de maneira constante, dos quais não podemos fugir, diferenciando-se dos estímulos exógenos àqueles vindos de fora do organismo e dos quais fugimos por meio da ação motora. Assim nos informa que os neurônios Phi encontram-se a mercê de uma Q, isso é, de uma quantidade. Segundo o autor, “nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismos psíquico”. (FREUD 1989, p. 334).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

No entanto o termo pulsão vai aparecer explicitamente em *Três ensaios da Sexualidade (1905)*, quando Freud o define como:

Por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes endossomáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico." (Freud, 1905. P. 171)

Nesse texto Freud vai discorrer sobre pulsão diferindo-a de instinto já que a primeira não corresponde a padrões fixados hereditariamente, tampouco a sexualidade animal que tem como meta a reprodução, além disso, possui fonte, finalidade e objeto variável admitindo a sexualidade enquanto polimorfa perversa.

É no texto *Pulsões e seus destinos*, que Freud (1905/1986) faz um de seus mais importantes desenvolvimentos sobre esse conceito. Ele expõe o conceito de pulsões, a partir de dados da fisiologia, tomando a ideia de “estímulo” e do arco reflexo, em que um estímulo aplicado em um tecido vivo desde fora do organismo é descarregado para fora através de uma ação motora. Isso permite observar a relação entre pulsão e estímulo e entender que a pulsão é um estímulo psíquico. Para diferenciar os dois tipos de estímulos, Freud explica que o estímulo fisiológico tem sua fonte do exterior, e o psíquico no interior do organismo. Assim sendo, tendo um estímulo origem fora do

organismo, sua fuga pode se dar por meio da ação motora, mas, se a fonte do estímulo se encontra dentro do próprio organismo, não há ação possível que faça cessar a estimulação. Desta forma, outra diferença está na continuidade do estímulo. Um estímulo fisiológico se caracteriza por ser de impacto único. Ainda que esse impacto se repita ou que seja incrementado, ele se inicia e termina. Por outro lado, uma pulsão não se apresenta como uma força de impacto momentâneo, mas de impacto constante. A partir dessa definição Freud introduz novos conceitos em relação à pulsão, segundo ele, a mesma possui : pressão (fator motor; quantidade de força ou medida de exigência que ela representa), finalidade (satisfação, que só pode ser obtida eliminando o estado de estimulação da fonte de estímulo), fonte (processo somático que ocorre num órgão, ou parte do corpo e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto) e objeto (coisa através da qual ou em relação à qual o instinto é capaz de atingir a sua finalidade). Freud, trabalhando sempre dualismos, pares de opostos, faz a sua primeira distinção entre os instintos ainda em 1905. Aqui ele distingue pulsão sexual e pulsão do eu, cujo conflito, segundo ele, é a raiz das neuroses de transferência. No entanto, a partir de 1914, Freud abandona esse dualismo pois percebe que o eu também é investido pela pulsão sexual e não faz sentido então opô-las. Segundo o autor:

Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego, somente depois é que eles tornam-se independentes destes, e mesmo então, encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidado e proteção. (FREUD, 1914, p.94).

Assim sendo, o dualismo fica suspenso até 1920, momento em que, por meio de especulações acerca do fenômeno da compulsão a repetição, Freud propõe a existência

da pulsão de morte. Ele escreve o texto *Além do Princípio do Prazer* (1920) a fim de pensar sobre fenômenos em que o sujeito parece repetir situações desprazerosas as quais parecem não obedecer o princípio do prazer, mas sim, uma compulsão demoníaca. O princípio do prazer é o princípio, segundo Freud, que o aparelho psíquico está submetido e, seu mecanismo visa uma fuga do desprazer, isso é, manter a excitação no interior do organismo sempre constante. Desprazer é então entendido como aumento de excitação. Nesse texto de 1920, Freud pontua que “Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo.” (Freud, 1920, p.19) A partir disso, conclui: existe realmente na mente uma compulsão à repetição que está além desse princípio de prazer. (Freud, 1920)

A partir da observação das brincadeiras das crianças (for-da) sonhos dos traumatizados na guerra e a experiência clínica de transferência, Freud chega a conclusão de que há no psiquismo algo que impele para destruição e a morte. Chega à hipótese de que, contrariando a ideia da pulsão vigente até então como impelindo no sentido de desenvolvimento:

Parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. (FREUD, 1920, p. 47)

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Assim, conclui, que “Somos levados a distinguir duas espécies de instintos: aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte, e os outros, os instintos sexuais, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida...” (Freud, 1920, p. 48), momento em que propõe a oposição entre pulsão de vida, que agora abrange tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões do eu, e pulsões de morte.

FUSÃO E DESFUSÃO

No texto *O Ego e o Id* (1923) Freud retoma a questão das duas classes de instintos, atribuindo à elas características da fisiologia, diferenciando-as como anabólica (construção) e catabólica (destruição). Dessa forma, a pulsão de vida visa à assimilação (anabolismo) e pulsão de morte à disjunção, dissimilação (catabolismo). Nesse texto, afirma que a tarefa da pulsão de morte é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado, enquanto a pulsão de vida visa combinar de forma mais ampla as partículas em que a substância viva se acha dispersa afim de complicar a vida e, ao mesmo tempo, preservá-la. Afirma que ambas pulsões são conservadoras já que elas visam restaurar um estado de coisas que foi perturbado pelo aparecimento da vida e esta seria a causa da continuidade da vida e também o esforço em relação à morte. Dessa forma, para Freud as pulsões estariam presentes, as duas, em cada partícula viva. (FREUD, 1923)

À hipótese de que as pulsões se unem e se fundem, para Freud, a partir desse momento, coloca-se como indispensável para pensar a continuidade da vida, pois, segundo ele, é por meio dessa fusão que a pulsão de vida pode neutralizar a pulsão de morte. Quando fusionadas nas partículas, a agressividade e destrutividade da pulsão de morte ganha um destino: é lançada pela pulsão de vida para o exterior. Por meio da

musculatura ela é destinada para o mundo externo. Assim sendo, a pulsão de morte, que é descrita como muda, ganha um clamor que provém da pulsão de vida, isto é, um destino, um trajeto. Freud usa a polaridade entre amor e ódio para exemplificar e argumentar em favor da plausibilidade de tal dualismo.

Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud (1924) nos apresenta o masoquismo original como produto do primeiro encontro da pulsão de morte pela libido e nos fala do quanto o resultante de tal encontro será um fator de relevância no desenvolvimento da psique: "ao surgir, a libido teria encontrado a pulsão de morte – ou de destruição – já predominando nos seres vivos" (1924/2007, p. 109), seria, então, a fusão pulsional o que permitiria a continuidade da vida. Ainda considerando a fusão pulsional, Freud diz que não podemos deixar de supor que em algum momento também exista a defusão. Isso é quando pulsão de morte e pulsão de vida encontram-se separadas e atuando conforme os seus próprios mecanismos. Para exemplificar Freud fala sobre a crise epilética e neurose obsessiva, e sobre a ambivalência como uma fusão que não se completou. Desse modo, podemos pensar sobre a destrutividade da pulsão de morte enquanto defusionada, a mesma atuando solitariamente, o que pode oferecer danos ao sujeito sem que o mesmo ouça os alardes dessa pulsão, silenciosa. Freud fala de um masoquismo, que impele o sujeito ao sofrimento e cuja meta é a ausência de excitação, ou seja, a morte. Assim pergunta-se, na compulsão à repetição como se encontra essa pulsão? Há a possibilidade de, se separada da pulsão de vida, ser libidinizada por um possível reencontro? Há possibilidade assim, de sublimar a pulsão de morte?

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Filho (2010) nos fala que a compulsão à repetição urge por ser pensada em sua relação com a pulsão de vida e a pulsão de morte, de tal forma que sinaliza uma compulsão à repetição além do princípio do prazer que é a resultante de uma defusão pulsional e está a serviço da resistência e designios do ID. Segundo esse autor:

O outro destino, de uma compulsão à repetição do não prazeroso, significa uma defusão pulsional, algo ligado intimamente, que, como dissemos, contém a pulsão de morte, mas não a modifica, decorrente de uma frágil "solidariedade excitatória sexual". (FILHO, 2010, p. 07)

Já Marucco (2007) nos revela três tipos de repetições, dentre elas: a repetição edípica que pode ser representada e está sob domínio do princípio do prazer, a repetição do não representado, que está vinculado aos conteúdos recalcados e a repetição do soterrado, que advém do irrepresentável, no trauma, ou seja, um excesso que não possui representação. Relacionado à essa última repetição que remetemos à compulsão à repetição demoníaca de Freud, Marucco (2007) apresenta um sujeito agarrado ao destino, um tempo retido, coagulado na repetição de “marcas” primeiras de registros pré-psíquicos. Nesse sentido fala do núcleo em que se condensam as configurações específicas da pulsão com as primeiras identificações, e onde se encontram as chaves daquilo que se expressa na clínica para além do princípio do prazer, que produz os mais intensos mal-estares e os maiores obstáculos no processo da cura, mas que podem ser superados ao analista assumir papel de sonhar, assumir o desafio de construir fantasmas onde só há inscrições pré-verbais.

COMPULSÃO À REPETIÇÃO

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

No texto *O Estranho* (1919) Freud nos fala de uma compulsão à repetição do não prazeroso, ele associa a algo que deveria se manter em secreto, mas veio a luz.

Segundo ele :

(...) é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma “compulsão à repetição”, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente seu caráter demoníaco. (FREUD, 1919, p. 297)

E é em 1920 que ele se debruçará sobre essa compulsão dita demoníaca, que, segundo o autor “ rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação.” (Freud, 1920, p. 1920). A fim de explicar como isso acontece, Freud recorre aos conceitos de energia livre e energia ligada, e a teoria do trauma.

Freud pontua em 1920 que o trauma consiste numa ruptura da barreira da contatos que funciona como uma vesícula (dados da biologia) contra os estímulos externos e o transbordamento de energia no sistema psíquico. Na neurose traumática surge o desafio de o psiquismo vincular as quantidades de energia que inundaram o aparelho para que elas possam ser processadas, assim como a dor física é um rompimento dessa barreira em um determinado local do corpo, e estaria vindo de fora. Assim sendo, cabe ao aparelho psíquico produzir um contrainvestimento que se opõe à afluência de excitação proveniente do meio externo com o objetivo de ligar essa energia livre. Essa oposição se dá com a utilização da energia de outros locais do organismo, Avançando um pouco nessa exposição, Freud nos afirma que o trauma também pode ser causado pela

afluência de energia vinda desde o caos pulsional interno ao psiquismo, o que se dá por cauda da falta de um escudo contra os estímulos internos. A organização interna primária do que posteriormente se desenvolverá até se tornar o aparelho psíquico pode ser caracterizada facilmente por uma forte tendência à dispersão, tendo em vista a disposição à descarga plena. As fontes dessa excitação interna são as pulsões do organismo, as mesmas que obedecem ao processo primário que tem como característica trabalhar com as energias livremente móveis em direção à descarga. Esse processo característico do sistema inconsciente age com os investimentos sendo livres para se transferirem, deslocarem e condensarem. A tarefa dos sistemas psíquicos superiores é então a de ligar essas excitações provenientes das pulsões e que agem segundo esse processo.

Assim sendo, tendo como fonte da excitação a pulsão, pensamos nos mecanismos de fusão e defusão pulsional. A tentativa de ligação pode se dar em experiências traumáticas e desprazerosas, no sentido de retorno, isso culmina em uma repetição do que não é prazeroso. Assim, observamos que existe um esforço de uma ligação, a fim de baixar o excesso de excitação e reordenar o caos pulsional. A partir do momento em que há ligação estamos falando de pulsão de vida, de libido, como já dissemos em anabolismo, já que a pulsão de morte opera em sentido contrário, em defusão, ou seja, catabolismo. Vislumbrando o encontro, ou seja, pulsão de morte ao pulsar via compulsão a repetição podendo ser enlaçada pela pulsão de vida há então um possibilidade de criação de sentido, de destino, sendo este passível de significação.

RESULTADOS FINAIS

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Esmiuçando melhor o enunciado aqui temos que, por entendermos que a pulsão de vida, ao fundir-se e apropriar-se da energia da pulsão de morte possibilita um novo destino, uma direção nova àquelas forças cegas, podemos presumir que o encontro da pulsão de vida com a pulsão de morte que opera em uma compulsão à repetição pode criar a possibilidade de significação, isso é um a possibilidade de ligação e criação de um sentido. No momento em que existe o elemento de ligação que advém da pulsão de vida (libido) e, ao mesmo tempo, a compulsão a repetição, um mecanismo advindo da busca por uma descarga imediata, como pura cultura da pulsão de morte, podemos vislumbrar uma possibilidade de fusão e assim de enlace de uma força cega para que essa adquira um caminho.

No entanto ainda nos saltam aos olhos a questão de que, assim, estamos por conjecturar sobre a possibilidade de não haver um excedente, de que necessariamente toda pulsão de morte sob compulsão à repetição pode se tornar amalgamada e então destinada, ou seja, ligada, o que retiraria então o caráter demoníaco da compulsão à repetição, tornando-o não o fim mas o começo, o esforço no sentido de ser percebida e então ligada, mesmo que até esse momento ela seja caracterizada como pura cultura dessa pulsão de morte.

Sabemos que o desenvolvimento da temática aqui não soluciona o conflito de buscar entender qual a finalidade dessa compulsão: seria por fim a de promover ligação e assim possibilitando a fusão retomar o princípio do prazer, ou então apenas atuar imperiosamente com vistas à regressão e o livre atuar da pulsão de morte em desfusão? No decorrer desse trabalho conjecturamos à respeito da primeira explanação e pensamos colher dados para justificá-la.

CONCLUSÃO

O pensamento de Freud nos conchama à conjecturar sobre novas aberturas e possibilidades. A pulsão de morte enquanto vilão dos processos mentais pode ser entendida atuando sozinha ou atuando enlaçada com a pulsão de vida. Essa é uma possibilidade que o próprio autor coloca e, muitas vezes, defende-a como única possível.

Nosso trabalho se propôs a pensar sobre potencialidades. Sobre a possibilidade de a compulsão a repetição propiciar o encontro dessas duas forças antagônicas (pulsão de vida e pulsão de morte) por meio da compulsão à repetição, e, dessa forma, um novo caminho, uma nova direção. Cabe a nós, continuarmos nessa trilha a fim tornar claras as obscuridades e quem sabe a expansão das possibilidades de pensar s que a Psicanalise nos oferece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1895) – **Proyecto de psicología**. Obras Completas. Vol.I. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1895) – **Estudios sobre la histeria**. Obras completas. Vol.II. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1909) – **Análisis de la fobia de um niño de cinco años**. Obras Completas. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1914). **Recordar, repetir y elaborar**. Obras Completas, v. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

FREUD, S. (1919). **Lo ominoso**. Obras completas. Vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1920) – **Más allá del principio de placer**. Obras Completas. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006

FREUD, S. (1923) – **El yo y el ello Obras Completas**. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1926) – **Inhibición, sintoma y angustia**. Obras Completas. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, S. (1937) **Análisis terminable e interminable**. *Obras Completas*. Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAPLANCHE, J. (1985) **Vida e morte em psicanálise** (C.P.B. Mourão, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

MARUCCO, N. C. **Entre a recordação e o destino:** a repetição. Rev. bras. psicanálise, São Paulo, v. 41, n. 1, mar. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2015

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento.** 2. ed. Campinas: Unicamp, 1989.

PAIM FILHO, I. A. **Compulsão à repetição: pulsão de morte "trans-in-vestida" de libido.** Rev. bras. Psicanálise. São Paulo, v. 44, n. 3, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2015.